

SUPLEMENTO

DE ARQUEOLOGIA

O livro “Pachecos”: contributos genealógicos para a arqueologia de Santo Estêvão de Barrosas (Lousada)

Manuel Nunes* e
Paulo Lemos**

A Casa de Além, dita “de Baixo”, encontra-se implantada na veiga fértil do ribeiro da Cruz, na freguesia de Santo Estêvão de Barrosas, paredes meias com as Casas de Santo André e de Ledesma, *alfobres dos antigos e atuais Pachecos de Portugal*. É nesta provecta e preservada unidade agrária que se encontram algumas das mais antigas evidências arqueológicas e patrimoniais associados ao tronco dos Pachecos das Terras de Lousada.



BASAL
DALEM

* Arqueólogo
** Arqueólogo

Da Genealogia à Arqueologia: uma introdução

Em 1985 dava à estampa a obra Pachecos - *Subsídios para a sua Genealogia* da autoria de Abílio Pacheco Rebelo de Carvalho, sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses e Sócio Honorário do Instituto Português de Heráldica. A obra, há muito esgotada, é um trabalho exaustivo e de largo folgo, que o prefácio de Eugénio Cunha e Freitas apropriadamente apelida de *monumento genealógico*. Em traços precisos o autor revisita e reconstrói os vários troncos dos Pachecos, uma família que recua às origens da nacionalidade, centrando toda a 2ª parte da obra na história dos Pachecos de Stº Estêvão de Barrosas. Durante esse exercício, o autor percorre a geografia fundiária da freguesia, consubstanciada nas casas e casais detidas pelos diversos ramos da família, revelando o percurso histórico e documental de cada possessão. Sendo certo que as Casas de Santo André e de Ledesma foram *alfobres dos antigos e atuais Pachecos de Portugal* (Carvalho, 1985:47), é no século XVII, na atual Casa de Além, uma unidade agrária edificada no século XV e sucessivamente reformulada, que se fixa um dos ramos mais antigos da família dos Pachecos de Stº Estêvão de Barrosas. A evidência desta relação familiar, para além do suporte documental, é validada por um conjunto interessante e diversificado de elementos epigráficos e iconográficos presentes na Casa de Além¹.

Os Pachecos da Casa de Além

Refere Abílio Carvalho (1985:177-178) que em 1527, a 21 de novembro, foi emprezado o Casal de Além, sito na freguesia de Stº Estêvão de Barrosas, que era foreiro ao Convento de Stª Maria de Oliveira (Barcelos), a Bastião Pires e sua mulher, Catarina Annes². Deste Casal de Além pagava-se ao senhorio 400 reais em dinheiro e ao Duque de Bragança, cada ano, cem reis em dinheiro e 14 de alqueires de pão meado. Adiante, o autor reporta que a 18.10.1563 foi este prazo dividido entre dois, Catarina Anes e Gonçalo Anes, filhos daqueles, tendo ficado a Casa a Catarina Anes, casada com Francisco Gonçalves, «Homem-Bom» da freguesia de Stº. Estêvão de Barrosas. Com esta di-

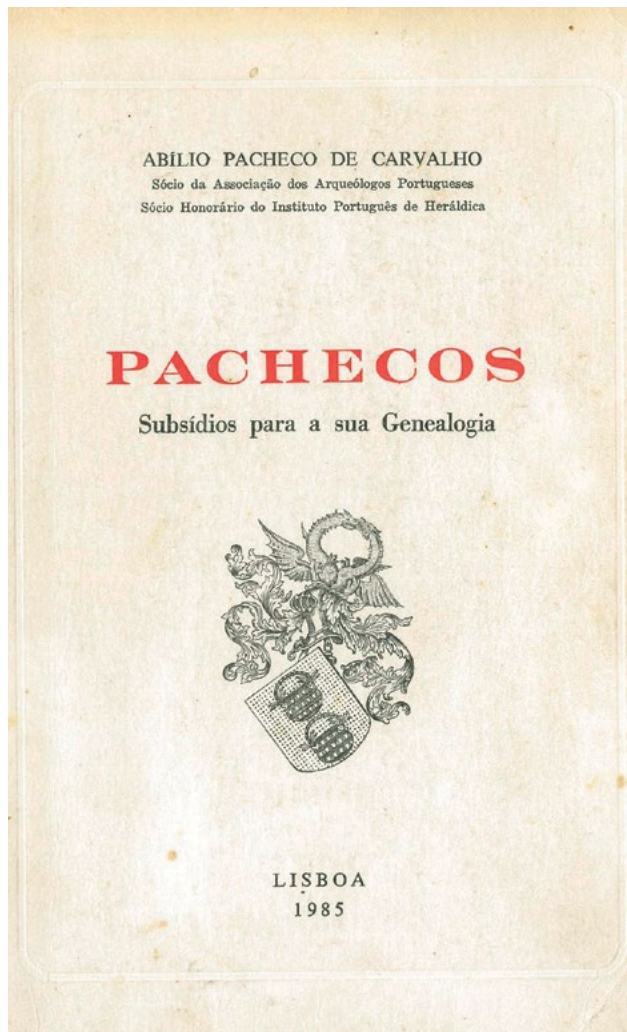


Figura 1. Capa do livro "Pachecos, Subsídios para a sua Genealogia" editado em 1985.

1 Agradecemos à Dr.ª Clara Meneres, atual proprietária da Casa de Além, o apoio prestado na produção deste artigo.

2 De acordo com o *Tombo velho do Convento de Oliveira* do termo de Barcelos (MSMOV, 1504, vol. 18, fls.100v e seg.), a família Anes seria, entre os séculos XV e XVI, a mais abastada da freguesia de Santo Estêvão de Barrosas.

visão terá ficado o Casal de Além dividido em duas partes, passando a parte que coube a Catarina Anes a denominar-se de Além de Baixo, e a que coube a Gonçalo Anes e sua mulher Maria Pires a designar-se de Além de Cima. A Casa de Além de Baixo acabou por integrar o património da família Pacheco, quando Pedro Francisco, nascido em Stº Estêvão de Barrosas a 15.09.1647 e senhor da Casa de Além de Baixo por falecimento de seus pais (Pedro Francisco e Catarina Antónia), casa com Domingas Pacheco Monteiro, filha de Domingos Gonçalves Pacheco Monteiro e Mareia Martins, senhores do Casal da Bouça, também em Stº Estêvão. O casamento, que acontece em 10.09.1677, estabelece não apenas a ligação dos Pachecos à propriedade de Além de

Baixo mas também, e sobretudo, um período de renovação e enobrecimento arquitetónico da casa.

Memórias da Casa de Além

Embora a Casa de Além já não detenha as primitivas funcionalidades agrícolas que estiveram na sua génese, tanto mais que ao longo dos séculos foi sendo sucessivamente ampliada e melhorada, o atual edifício, cerceado por *um quinteiro* murado com portal quadrangular e dependências agrícolas anexas, conserva, no volume arquitetónico único que se distribui por rés-do-chão e andar, ao qual se acede por uma escadaria curta, sem guardas, que remata num patamar com



Figura 2. Aspeto parcial da fachada principal da Casa de Além e terreiro contíguo.

alpendre, os traços distintivos das unidades agrárias inventariadas da região (Nunes e Lemos, 2013:95-98).

As reformas que a Casa de Além foi sofrendo ao longo dos séculos, a Casa de Além foi sofrendo foram perpetuadas nas diversas epígrafes memorativas que se encontram dispersas pela sua área edificada.

A mais antiga (Ep.1), um silhar reaproveitado e embutido no muro exterior da casa, consiste numa inscrição de regra única composta por caracteres numéricos e caracteres alfabéticos capitais com pontos e letras cursivas em expoente, cuja tradução resulta na seguinte leitura: P(ed)ro F(francis)co 1692. Note-se, que na data o número «1» é representado pelo símbolo alfabético cursivo «i», facto amplamente documentado em elementos memorativos desta natureza (Nunes e Lemos, 2013:100-111). A inscrição em apreço não é, contudo, a única coeva do senhorio de Pedro Francisco, marido de Domingas Pacheco Monteiro

e Senhor de Além desde, pelo menos, 1670 (Carvalho, 1985:179). Uma outra (Ep.2), do primeiro quartel do século XVIII e lavrada no lintel da porta do andar sobrado, remete-nos, de igual modo, para a época de Pedro Francisco e para uma provável ampliação/renovação da morada já na fase final da sua vida.

A inscrição, constituída por caracteres numéricos e caracteres alfabéticos capitais, incluiu, igualmente, a gravação de um cruciforme latino de braços perpendiculares e remate reto com base semicircular dividida em dois quadrantes pelo prolongamento do seu eixo. De resto, é o cruciforme que determina o *ordenatio* da inscrição, centrando-a na padieira e organizando as duas regras que a compõem. A primeira, em latim, e claramente um elemento de sagração, é composta pelas siglas «INRI», cuja leitura/tradução é a seguinte: I(esvs) N(azarens) R(ex) I(vdaeorvm), isto é: *Jesus Nazareno Rei dos Judeus*³ (Feuillet, 2005:76). A



Epígrafe	Campo epigráfico	Espaçamento Interliterar		Altura dos caracteres		Largura do traço		Profundidade do traço	
		Máx	Min	Máx	Min	Máx	Min	Máx	Min
Ep. 1	38 x 97	3,1	0,3	10,4	3,2	1,2	0,7	0,6	0,2
Ep. 2	42 x 133	4	0,2	11,2	5,1	1,4	0,6	0,9	0,7
Ep. 3	35 x 256	4,3	2,4	10,7	8,9	1,5	1	1,1	0,8

Tabela 1. Registo métrico, em centímetros, das epígrafes detetadas na Casa de Além de Baixo.

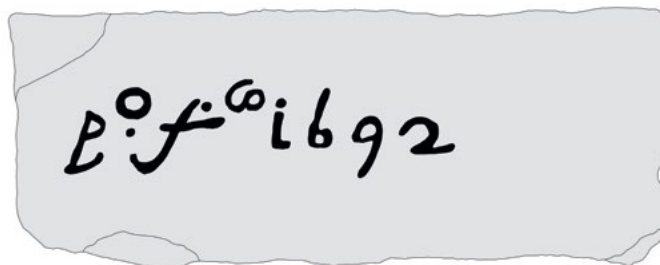


Figura 3a e 3b. Registo fotográfico e gráfico da epígrafe (Ep.1) evocativa de Pedro Francisco, senhor da Casa de Além de Baixo entre os séculos XVII e XVIII.

3 Pilatos escreveu também um letreiro e pô-lo no cimo da cruz. Nele estava escrito: «Jesus Nazareno, rei dos Judeus». Muitos dos judeus leram este letreiro, porque o lugar onde Jesus estava crucificado era próximo da cidade e o letreiro estava escrita em hebraico, grego e latim. Disseram, então, os príncipes dos sacerdotes a Pilatos: «Não escrevas: O Rei dos Judeus, mas que Ele disse: Eu sou o rei dos judeus». Pilatos respondeu: «O que escrevi, escrevi». João 19:19-22

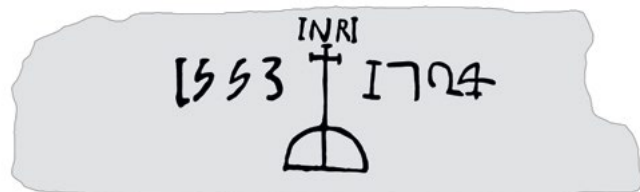


Figura 4a e 4b. Registo fotográfico e gráfico da epígrafe (Ep.2) memorativa mandada gravar por Pedro Francisco na padieira da porta da Casa de Além de Baixo.

segunda, separada pelo cruciforme, fixa um intervalo de tempo, concretamente entre 1553 e 1724, desde a emancipação do Casal até ao primado de Pedro Francisco, durante o qual se construiu parte importante da história arquitetónica da casa (Carvalho, 1985:177-182). Mais uma vez, ambas as datas apresentam o símbolo alfabético capital «I» em representação do número «1».

Finalmente, a derradeira inscrição (Ep.3). Detetada na padieira do portal da Casa, é composta pela data «1777» inserta numa cartela lisa, em forma de losango. A data, que em vez do numeral «1» apresenta o símbolo alfabético cursivo «7» que, na verdade, resulta da inversão do número «7» ao qual foi acrescentado o respetivo ponto, foi gravada na época de Domingos Pacheco Monteiro, neto de Pedro Francisco, que se tornou senhor da Casa de Além de Baixo, por testamento de seu pai (Manuel Pacheco Monteiro), a 19.11.1764, com certas reservas por sua mãe (Águeda Francisca) e irmãos, cujo prazo de geração renovou a 29.4.1766 (Carvalho, 1985:182). A gravação desta epígrafe memorativa

que, provavelmente, surgiu na sequência de obras de enobrecimento do portal da Casa, constitui a derradeira memória material das ações que, entre os séculos XVII e XVIII, por via do livro de Abílio Pacheco de Carvalho, logramos individualizar e personalizar, subsidiando a história dos Pachecos de St^o. Estêvão de Barrosas.



Figura 5a e 5b. Registo fotográfico e gráfico da epígrafe (Ep.3) memorativa da construção/remodelação do portal da Casa d'Além de Baixo na época de Domingos Pacheco Monteiro.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, A.P. (1985) - *Pachecos, subsídios para a sua genealogia*. Lisboa.
- FEUILLET, M. (2005) - *Léxico dos Símbolos Cristãos*. Lisboa: Publicações Europa-América
- MSMOV_ *Mosteiro de Santa Maria de Oliveira de Vermoim - Tombo Velho de 1504*. Vol. 18. Fls. 100 e seguintes. Torre do Tombo
- NUNES, M. e LEMOS, P. (2013) - *Lustosa, Património e Identidade*. Lustosa: Junta de Freguesia de Lustosa